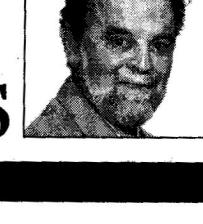


MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

Ética na política

• "Quem elegeu Jader Barbalho não foi o PSDB. Foi ACM. Não fosse sua sanha irracional contra ele, não tivesse se apresentado como patrono da candidatura Sarney, encontraríamos outra solução". Essa tese, que me foi exposta pelo senador Teotônio Vilela, já ouvi de muitos outros e até li em colunas. É reveladoramente errada. O que elegeu Jader foi a insensibilidade moral dos políticos.

A tese da culpa de ACM é reveladora porque não examina o conteúdo da questão. Mostra que os senadores que a abraçaram não levaram em conta o passado de seu candidato. Não deram a mínima importância às acusações de enriquecimento ilícito contra ele levantadas, com uma plethora de documentos comprobatórios. Tampouco os comentaristas que a repetiram não perceberam que o que estava em jogo não era o resultado de uma luta livre entre dois senadores ou uma disputa entre partidos políticos. Era muito mais. Era a questão da ética na política. No seu centro está a honrabilidade de uma instituição essencial para o regime democrático: o Congresso.

Teotônio Vilela está, há cinco anos, na presidência do PSDB. Orgulha-se do trabalho que fez. Durante a sua

gestão o número de deputados federais, deputados estaduais, prefeitos e vereadores da legenda quase dobrou. Os rachas foram evitados. Cordial e paciente, não brigou com ninguém.

Justifica a aliança com o PMDB para as eleições parlamentares dizendo:

— A minha obrigação era eleger o Aécio Neves presidente da Câmara. É um político jovem, ambicioso, com muito futuro. Tanto que pode até chegar à Presidência da República.

O preço moral a ser pago

por essa vitória não entrou nas suas cogitações. Como não entrou nas dos ministros políticos e, muito menos, nas do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Resultado: há um desgaste

brutal da imagem do Congresso e dos políticos em geral.

O presidente, que poderia ter entrado para a história como uma versão mel-

horada de JK, vai entrar,

em virtude da política cambial e econômica demagógica do primeiro mandato e

em razão de sua cegueira e complacência moral, como

uma versão revista e piorada de José Sarney. Lastimável.

Para ele, para o Brasil e para os brasileiros. Parece

que nossa sinal é uma su-

cessão de desilusões e frus-

trações sem fim.

Aécio, que sente o prejuízo

dos escândalos no Senado,

tenta estabelecer um

cordão sanitário em volta

da Câmara, para evitar que

a lama a invada. Diz:

— Vou votar e votar sem

parar. Se a Câmara pára de

trabalhar agora não retoma

mais o trabalho legislativo

até as eleições do ano que

vem. Já estamos terminan-

do a votação da previdênci-

a privada, que tinha ur-

gência constitucional e, portanto, bloqueava a pauta. Na semana que vem vamos colocar em votação a limitação para a edição de medidas provisórias. Em seguida vou colocar em votação a limitação das imunidades parlamentares aos crimes políticos, injúrias, calúnias, praticadas no Congresso e nos meios de comunicação. A imunidade para crimes comuns, como roubo e crimes contra a pessoa humana, acaba. Não será sequer preciso pedir licença à Câmara ou ao Senado para dar andamento aos processos. A única proteção a ser prevista é a de uma comissão de triagem dos processos, para evitar que um deputado, por ter brigado com o promotor da sua comarca, seja por ele perseguido, o que seria uma agressão à vontade dos eleitores.

Aécio espera poder colo-

car em votação também al-

guns pontos da reforma po-

lítica já aprovados no Sena-

do, como a extensão do

prazo de filiação para quem

desejar candidatar-se a um

cargo eletivo. Caminha ain-

da pela Câmara um projeto

de lei, do deputado cearen-

se Mauro Benevides, tor-

nando obrigatórias as pré-

vias partidárias para a es-

colha dos candidatos à Pre-

sidência da República. O re-

lator na CCJ é o advogado

paulista José Roberto Ba-

tocchio. Diz Mauro:

— O relatório vai ser rá-

pido e favorável. O Batoc-

chio é do PDT e, no partido

dele, as prévias para qual-

quer cargo são sempre ga-

nhas por um único candida-

to, Leonel Brizola.

O esforço de Aécio pode

ser meritório, mas talvez

não seja eficaz para impe-

dir que a maré lamacenta

ultrapasse o tapete azul do

Senado e invada o tapete

verde da Câmara. A oposi-

ção já conseguiu as assina-

turas necessárias de depu-

tados no requerimento de

criação da CPI da Corrup-

ção, cujos efeitos o governo

tanto teme. A razão oficial

para esse temor seria a per-

da da governabilidade. É

um argumento favorito e

antigo do presidente. Com

o passar do tempo, está

perdendo capacidade de

convencimento. Nem todos

os parlamentares desden-

ham a força da ética na po-

lítica.

• **AMAZÔNIA:** Sigo esta ma-

nhã para a Amazônia, a con-

vide da FAB, para conhecer

a implantação do Sivam.

Helena Chagas me substi-

tuírá nos próximos e trepi-

dantes dias. Depois conto o

que vi.